

TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS NO PROCESSO DE ESTRUTURAÇÃO URBANA DE UMA CIDADE MÉDIA: JUAZEIRO DO NORTE - CEARÁ

Cláudio Smalley Soares Pereira
Universidade Regional do Cariri
clasmalley@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho analisa o fenômeno da urbanização na cidade de Juazeiro do Norte no decorrer do processo histórico. Buscou-se apresentar as transformações e as permanências que concernem ao aspecto do centro e da centralidade urbana no processo de estruturação urbana de Juazeiro do Norte ao longo de um século de história urbana, dando atenção especial à contemporaneidade.

Palavras-Chave: centro, centralidade, urbanização, estruturação urbana, Juazeiro do Norte.

TRANSFORMATIONS AND STAY IN THE PROCESS OF URBAN STRUCTURE OF A CITY AVERAGE: JUAZEIRO DO NORTE - CEARÁ

ABSTRACT

The current work analyzes the urbanization phenomenon in the city of Juazeiro do Norte during the historical process. We tried to show the changes and permanences that concern to the appearance of center and of urban centrality and in the process of urban structuring of Juazeiro do Norte over a century of urban history, giving special attention to the history of the present.

Keywords: center, centrality, urbanization, urban structure, Juazeiro do Norte.

INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo, a centralidade da urbanização enquanto temática nos estudos das ciências sociais parece ser um consenso. Isso está associado à multiplicidade de fatores que estão direta ou indiretamente ligados ao processo de urbanização e a produção do espaço urbano. Como exemplo, o trabalho, a cultura, a economia, a educação, o turismo, a violência entre outros, são algumas das principais questões que emergem relacionadas ao urbano.

No seio do processo de reestruturação do sistema produtivo global no último quartel do século XX, novas configurações espaciais urbanas surgiram, as quais passaram a fazer parte da roda da economia, esta que se transformou e se mundializou, alcançando os lugares mais longínquos e chamando-os para fazer parte do ciclo de reprodução do capital.

O crescimento rápido das aglomerações urbanas não-metropolitanas², dentre elas as cidades médias, é um fato evidente na estruturação do sistema urbano brasileiro pós 1970. No Ceará, as cidades médias aparecem como importantes núcleos urbanos que concentram e centralizam a oferta de comércio e serviços fora da capital Fortaleza.

Nesse trabalho daremos ênfase à cidade de Juazeiro do Norte, dando destaque ao processo de urbanização e como este provocou mudanças na configuração sócio-espacial³ da urbe,

Recebido em 27/02/12

Aprovado para publicação em 18/06/12

² Aglomerações urbanas não-metropolitanas são cidades pequenas, cidades médias e demais cidades que não fazem parte de alguma região metropolitana oficial.

³ Adotamos a grafia *sócio-espacial* baseado em Souza (2008), referindo-se simultaneamente às relações sociais e ao espaço. Para saber mais ver Souza (2008).

tendo em vista o entendimento da sua configuração espacial atual. O recorte escolhido para análise é a relação centro/centralidade nas escalas intra e interurbana, buscando evidenciar a formação de novas áreas centrais e suas expressões de centralidade. Com isso, a perspectiva metodológica adotada aqui é a proposta por Sposito (2006, 2007) no que se refere à importância da articulação das escalas nas análises empreendidas sobre as cidades médias no mundo contemporâneo.

Dessa forma, o texto está estruturado em três partes e as considerações finais. Primeiramente, abordamos o crescimento das cidades médias buscando uma articulação com a teoria dos “ajustes espaciais” de David Harvey (2006a, 2006b), no intuito de entender como as cidades médias passaram a se comportar frente às especializações promovidas pelo capital.

Em seguida, faremos um percurso acerca da geografia histórica da urbanização cearense e em particular da cidade de Juazeiro do Norte, buscando evidenciar as principais transformações do espaço cearense dando atenção às cidades médias, particularmente a Juazeiro do Norte. A urbanização tal como se apresenta no período contemporâneo é o tema da terceira parte, no qual a relação centro/centralidade na escala intra-urbana e interurbana será evidenciada a partir dos processos de reestruturação espacial em curso em Juazeiro do Norte.

O “AJUSTE ESPACIAL” E O CRESCIMENTO DAS CIDADES MÉDIAS

As cidades médias passaram a compor o cenário dos estudos urbanos no Brasil a partir do final da década de 1960 e início de 1970. A multiplicação (quantitativa e qualitativa) dos estudos a respeito dessa categoria de cidade, no entanto, se deu apenas na década de 1990 (AMORIM FILHO, 2007), com um significativo aumento populacional destas e com a redefinição dos seus papéis econômicos frente à dinâmica do capitalismo global.

Várias são as maneiras em que podemos compreender o crescimento das cidades médias no Brasil. Questões relacionadas ao movimento pendular da população, a desconcentração industrial, as deseconomias urbanas, a qualidade de vida, o consumo e a modernização da agricultura estão entre as mais abordadas. Consideramos que essas interpretações não estão em total desacordo; elas mais se complementam do que se excluem. Dessa forma, tentaremos inserir outra abordagem da busca do entendimento da dinâmica urbana brasileira relativo às cidades médias, procurando somar com as que já existem para a compreensão desses processos espaciais.

A década de 1970 é indicada por vários autores como o período em que houve a crise do capitalismo mundial e a passagem (não integralmente⁴) do fordismo para o pós-fordismo (LIPIETZ; LEBORGNE, 1988) ou para um regime de acumulação flexível (HARVEY, 2008) e especialização flexível (SOJA, 1993). O epicentro da produção se desloca e, no caso brasileiro, emerge uma nova configuração espacial urbana: de um lado o *segmento metropolitano*, de outro o *segmento urbano não-metropolitano* (DAVIDOVICH, 1995 – grifos nossos). O modelo europeu de cidade compacta passa a ser substituído pelo modelo americano, com cidades espraiadas e com uma maior fragmentação sócio-espacial, sobretudo na América Latina (CICOLELLA, 2008).

A teoria dos ajustes espaciais (ou solução espacial) é uma das principais contribuições de David Harvey para a compreensão da dinâmica do capitalismo e sua infundável tentativa de superar suas próprias crises internas. Nas suas pesquisas, Harvey (2006a, 2006b) identifica diferentes soluções espaciais para o capitalismo contidas na obra de Hegel, Von Thuner e Marx. Cada um deles propõe uma reflexão que busca a partir de “uma questão deixada em aberto por Hegel, [entender] o papel da expansão geográfica e da dominação territorial, do colonialismo e do imperialismo, na estabilização do capitalismo” (HARVEY, 2006a, p. 98).

Na perspectiva de Harvey (2006a, 2006b), a dimensão espacial é fundamental, pois sem ela o capitalismo não teria conseguido criar novas oportunidades de acumulação. A questão espacial e a expansão geográfica são, dentre outras, basilares para que o capitalismo possa ter continuidade e ampliar seu processo de acumulação, sobretudo nos períodos de crises, uma

⁴ Lipietz e Leborgne (1988) ressaltam que um modelo de desenvolvimento para a ser hegemônico quando passa a ser adotado pela maior parte dos países. No entanto, isso não significa uma extinção do modelo de desenvolvimento anterior.

vez que a acumulação do capital por meio da expansão geográfica se dá pela produção de novas configurações espaciais no qual o capital excedente das crises é absorvido em outras formações sociais. Entretanto, essa dinâmica não se dá sem contradições, as quais são endêmicas do modo capitalista de produção.

Segundo Harvey (2006a), a crise de sobreacumulação gera um excedente de capital de um lado e de força de trabalho de outro, que deve ser expandido, afim de que alguma outra formação social possa absorvê-lo, o que de fato estancaria a crise por um determinado tempo. Nessa perspectiva, o deslocamento do epicentro da produção industrial dos países “centrais” para os países “periféricos”, *pari passu* com o desenvolvimento do consumo de massa, por exemplo, ajudam a aumentar o ciclo de rotação do capital, diminuindo seu tempo de giro e retomando o crescimento econômico novamente. Com isso, no movimento de destruição-criadora do capitalismo, novas configurações geográficas vão sendo produzidas na medida em que o tempo vai “aniquilando” o espaço. Do ponto de vista espacial essa é a contradição: a produção do espaço é necessária para superar as barreiras espaciais (HARVEY, 2006a).

O surgimento de uma estrutura espacial diferente com a ascensão do capitalismo não é um processo livre de contradições. Para superar as barreiras espaciais e “anular o espaço pelo tempo”, criam-se estruturas espaciais, que, no fim, agem como barreiras contra a acumulação adicional. Essas estruturas espaciais se manifesta na forma fixa e imóvel de recursos de transporte, instalações fabris e outros meios de produção e consumo, impossíveis de serem movidos sem serem destruídos (HARVEY, 2006, p. 53).

Propomos que o crescimento das cidades médias e das aglomerações urbanas não-metropolitanas pode ser analisado através da teoria do “ajuste” ou “solução espacial” (*spatial fix*) de Harvey (2006a, 2006b), pois ela oferece elementos importantes para se pensar a dinâmica urbana nas escalas intra e interurbana. Isso porque “a urbanização proporciona um caminho para resolver o problema do capital excedente [uma vez que ela] (...) é um veículo primordial para absorção do excedente em escalas geográficas sempre crescentes” (HARVEY, 2009, p. 10-12).

Como exemplo, Harvey (2009) analisa as reestruturações ocorridas nas cidades de Paris do segundo Império, em meados do século XIX e Nova York após a II Guerra Mundial. Ambas as cidades, a primeira sob a tutela de Haussmann e a segunda através de Robert Moses, recebem vultosos investimentos em infra-estrutura, estradas de ferro, autoestradas dentre outras coisas, isto é, enormes quantidades de capital e trabalho, que foram empregados na produção do espaço urbano visando resolver o problema do excedente de capital. Ambos, Haussmann e Moses, viram “o processo urbano como um caminho para resolver o problema da absorção de capital excedente” (HARVEY, 2009, p. 11). Nas cidades globais de hoje tais processos continuam, e o resultado é a produção de espaços urbanos fragmentados e segregados.

No caso das cidades médias, particularmente as brasileiras, por exemplo, o crescimento se deu a partir dos constantes investimentos em infra-estrutura, comércio, indústrias, onde o capital buscou se realocar em espaços menos dinâmicos que proporcionavam mais lucros e menos gastos. Dentre as várias perspectivas, a análise de Sposito (2007) e Santos (2008) apresentam, cada qual da sua maneira, como se desenvolveu o que poderíamos chamar de *paradoxo urbano brasileiro* da contemporaneidade: a desmetropolização acompanhada do crescimento dos aglomerados urbanos não-metropolitanos.

Entretanto, esse processo não ocorre apenas no Brasil, mas em todo o mundo, como observa Brenner (2010):

A urbanização ainda se manifesta na massiva expansão continuada das cidades, cidades-região e mega-cidades-regiões, mas *igualmente* vincula-se à transformação sócio-espacial de diversos assentamentos urbanos menos densamente aglomerados que estão, através das redes de infra-estrutura interurbanas e inter-metropolitanas constantemente adensadas, sendo cada vez mais estreitamente interligados aos principais centros urbanos (BRENNER, 2010, p. 26 – grifos nossos).

Com isso, acreditamos que a teoria dos “ajustes espaciais” apresenta subsídios importantes para se refletir sobre o crescimento das cidades médias no mundo contemporâneo, em

especial no Brasil, tendo em vista que o desenvolvimento geograficamente desigual ocorre em várias escalas e sua maior expressão é a produção capitalista do espaço urbano.

A GEOGRAFIA HISTÓRICA DA URBANIZAÇÃO CEARENSE E DE JUAZEIRO DO NORTE

A cidade de Juazeiro do Norte completou em 2011 um século de existência⁵. Nesse transcurso, o espaço geográfico passou por grandes transformações, desde um simples povoado até a importante cidade que se encontra atualmente. Entendemos que a apreensão da dinâmica sócio-espacial ao longo de um século de transformações urbanas passa pela compreensão do papel exercido pela urbanização na mudança social. A ênfase é dada na abordagem econômica tendo a dinâmica do centro/centralidade urbana⁶ como recorte temático.

Acreditamos, então, que entender a espacialidade das práticas sociais no processo de desenvolvimento de Juazeiro do Norte significa analisar a urbanização enquanto processo social, onde se envolvem vários sujeitos inter-relacionados que produzem configurações espaciais por meio de “práticas espaciais⁷ entrelaçadas” (HARVEY, 2006, p. 170).

Com efeito, muitas vezes isso não acontece. Isto é, a urbanização é pouco considerada nas análises sociais. Sobre isso Harvey (2006), nos diz que

Com muita freqüência (...) o estudo da urbanização se separa do estudo da mudança social e do desenvolvimento econômico, como se o estudo da urbanização pudesse, de algum modo, ser considerado um assunto secundário ou produto secundário passivo em relação a mudanças sociais mais importantes e fundamentais (HARVEY, 2006, p. 166).

É necessário, como alerta Harvey (2006, p. 165), considerar “o papel da urbanização na mudança social”. É possível perceber que em boa parte dos escritos sobre Juazeiro do Norte existe um ponto em comum: a história e o tempo são os elementos principais, enquanto que o espaço é tido como “vazio”, reflexo e receptáculo dos processos sociais, isto é, as coisas apenas acontecem *no* espaço. Harvey (2006) captura a desconsideração do espaço e da Geografia pela Teoria Social de um ponto de vista mais geral. Diz ele:

A questão do espaço e da geografia é uma “enteada” muito desprezada por *toda* a teoria social (...) Marx, Marshall, Weber e Durkheim tinham isso em comum: davam prioridade ao tempo e a história e não ao espaço e a geografia, e, quando tratavam do espaço e da geografia, tendiam a considerá-los de modo não problemático, enquanto contexto ou sítio estável para a ação histórica. As relações espaciais e as estruturas geográficas variáveis são acomodadas por ajustes *ad hoc*, redefinições externamente impostas de regiões e territórios dentro e entre os quais ocorre o fluxo contínuo do processo social. A maneira pela qual, primeiramente, as relações espaciais e as estruturas geográficas se produzem, passa, na maioria dos casos, despercebida ou ignorada (HARVEY, 2006, p. 142 – grifos do autor).

Recorremos então a Lefebvre (1986⁸) para entender a importância do espaço.

O espaço ao mesmo tempo em que a comunicação e a informação, sai [sort] da prática no modo de produção e reage sobre ela: espaço das estradas, dos meios de locomoção, mas também das megalópolis, das periferias mal delimitadas, das redes múltiplas que se ligam, dos fluxos de produtos, de capitais, de ganhos, de especulações sobre os terrenos, das atividades diversas, bancos e promotores que dominaram e exploraram o espaço assim produzido (LEFEBVRE, 1986, p. 02).

⁵ Essa data simboliza a emancipação política de Juazeiro do Norte, ocorrida em 22 de julho de 1911, concedendo autonomia e criando o município pela Lei nº1028. Isso quer dizer que a história urbana de Juazeiro existe a mais de um século, mesmo quando ainda era distrito da cidade de Crato. A data de elevação de Juazeiro do Norte à categoria de cidade é em 13 de julho de 1914 por meio da Lei nº1.117 (MENEZES; ARAÚJO, 1989).

⁶ Outras abordagens podem ser feitas para estudar a centralidade, como a cultural e a política, por exemplo, A respeito disso ver Serpa (2011).

⁷ Para não gerar ambigüidades em torno das palavras, tomamos emprestado de Lefebvre (2006, p. 28) a noção de práticas espaciais, para quem “a *prática espacial* consiste numa projeção ‘no terreno’ de todos os aspectos, elementos e momentos da *prática social*” (grifos do autor).

⁸ Como o texto traduzido não consta a data de sua tradução, optamos por colocar a data da publicação original.

Portanto, a partir dessas considerações a respeito do espaço e com a ciência geográfica, procuraremos explicitar de maneira sucinta o processo de urbanização cearense, tendo em vista a conformação da rede urbana estadual e a emergência das cidades médias como importantes centros urbanos de prestação de serviços, comércio e indústria, dando especial atenção à Juazeiro do Norte, devido às especificidades que esta apresenta no decorrer da urbanização cearense.

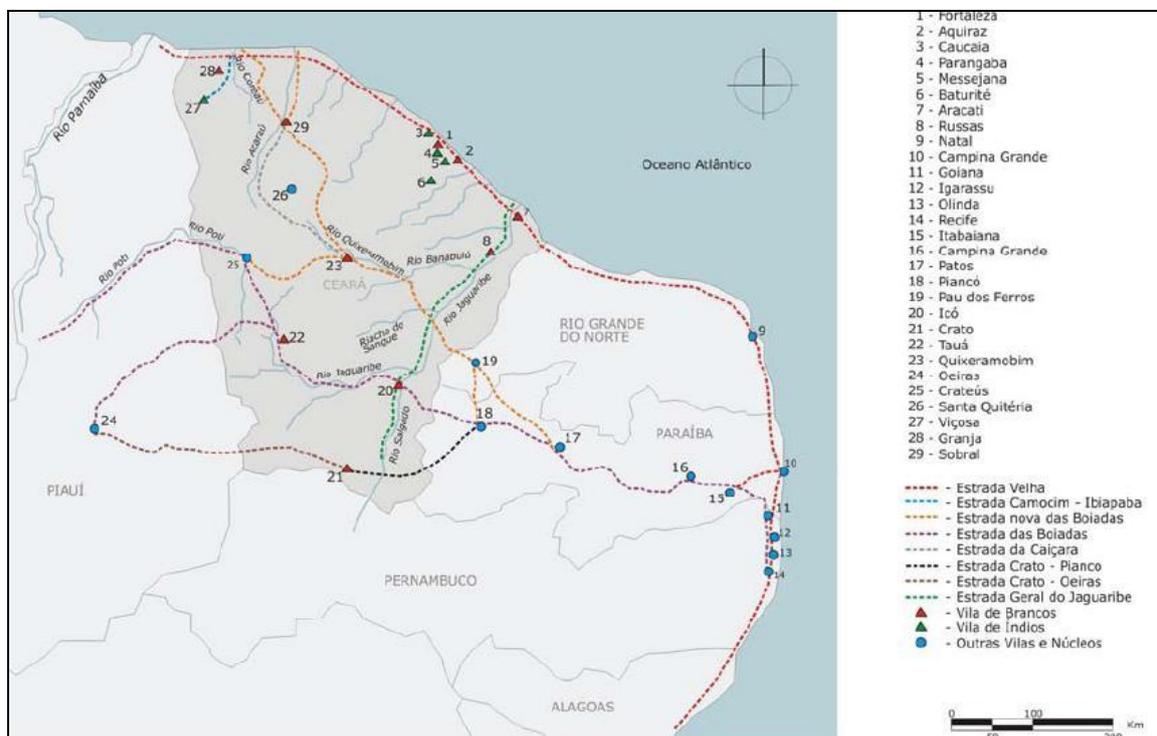
Primórdios da urbanização cearense

Segundo Souza (2007), a origem das cidades no Ceará podem ser analisadas a partir de três perspectivas: a) a partir da implantação de atividades ligadas à defesa do território, evoluindo com a instalação de atividades administrativas; b) como fazendas de crescimento de gado e entrepostos comerciais; e c) com missões jesuíticas no período colonial. Esses três aspectos caracterizam cidades diferentes que tiveram papéis diversificados nos primórdios da rede urbana estadual.

As cidades de Aracati, Acaraú, Icó, Sobral se apresentavam como os núcleos urbanos mais importantes do período colonial, devido a fatores de localização privilegiados como a proximidade das principais áreas produtivas, dos rios e algumas sendo entrepostos comerciais. No Cariri, a cidade do Crato foi durante muito tempo a polarizadora em termos econômicos, administrativos e industriais, devido as suas fortes relações comerciais com os centros urbanos dos estados da Paraíba, Pernambuco e Piauí. No Ceará como um todo, devido a fatores internacionais (a Guerra de Secessão 1861 – 1865 nos Estados Unidos) a economia pastoril (baseada no cultivo de gado, que foi por muito tempo predominante) é substituída pela produção extensiva de algodão, que deixa de ser apenas um produto de comercialização local para abastecer o mercado internacional, notadamente o Europeu. O algodão passou a ser o principal produto da economia cearense no século XIX substituindo a economia pastoril (SOUZA, 2007).

Para que as cidades pudessem manter relações (econômicas, políticas, culturais) entre si, eram necessários meios que as interligassem. Isso se deu com a estruturação das estradas, que foi se dando de acordo com os períodos econômicos⁹. Começaram a surgir através dos caminhos das boiadas (ver figura 01) para facilitar o escoamento da produção local, o que gerou uma vinculação intra-regional.

Figura 01 – Mapa das principais estradas que interligavam o Ceará a outros estados.



Fonte: JUCÁ (2007).

⁹ De acordo com Amora e Costa (2007) esses períodos são o a) *agrário exportador*, substituído pelo período b) *industrialização e da formação de um mercado nacional* e posteriormente com o c) da *reestruturação produtiva*.

A Estrada Geral do Jaguaribe, partindo de Aracati no litoral até o Cariri no sul do estado, a Estrada das Boiadas ou dos Inhamuns, ligando o Ceará ao estado do Piauí e a Estrada Nova das Boiadas, que comunicava o Ceará com a Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco, foram as principais vias de comunicação e de trocas comerciais até o final do século XIX. Essa realidade começa a mudar com a construção das estradas de ferro que passam a dar outra configuração espacial ao território cearense no fim do século XIX e início do século XX (SOUZA, 2007).

Os centros regionais e o surgimento de Juazeiro do Norte

Até o final do século XVIII, as cidades de Aracati, Crato, Icó e Sobral permaneceram como centros urbanos de 1º nível; Camocim, Acaraú e Quixeramobim como centros de 2º nível, e Fortaleza, Aquiraz e Granja como centro de 3º nível. As cidades estavam organizadas com funções agrícolas, administrativas, comerciais e industriais (SILVA, 2007).

Com o desenvolvimento da cultura do algodão e a implantação do sistema ferroviário, este construído por empresas estrangeiras, as cidades portuárias cedem a posição de comando para as cidades próximas às áreas produtivas algodoeiras. Nesse contexto, a hierarquia urbana do Ceará muda e outras cidades passam para funções de comando no estado. O caso mais marcante é o de Fortaleza, que suplanta Aracati como centro coletor e exportador de produtos. Mas as cidades do interior também se destacam. A cidade Iguatú (antigo povoado de Telha) se desmembra de Icó em 1851 e passa a ser um importante centro produtivo da cultura do algodão, beneficiado também pela estrada de ferro de Baturité. Já Sobral continuou a exercer predomínio nas funções comerciais no norte do estado com a produção e exportação das charqueadas. O Crato desenvolveu suas transações comerciais com os estados da Paraíba, Pernambuco e Piauí, e exercia uma forte função educacional, administrativa e judiciária, além de entreposto comercial. A cidade de Juazeiro do Norte surge somente no final do século XIX e início do século XX, e nos deteremos em particular sobre ela (SOUZA, 2007).

Juazeiro do Norte teve uma emergência no cenário urbano estadual diferente das outras cidades. Enquanto as demais cidades emergiram a partir de localizações privilegiadas e/ou proximidades das áreas produtivas, Juazeiro do Norte¹⁰ surge, primeiramente, como lugar de descanso dos viajantes e comerciantes¹¹, acompanhado, posteriormente, de um fenômeno religioso, protagonizado pelo Padre Cícero Romão Batista e pela beata Maria de Araújo. Tal evento, conhecido como “Milagre da Hóstia” e ocorrido em março de 1889, mudaria os rumos do simples povoado, transformando-o a partir de então em um importante centro de peregrinação religiosa do nordeste e um importante e crescente centro urbano com influência política, econômica e cultural em todo o Ceará.

Antigo distrito de Crato, Juazeiro passa por um surto de crescimento populacional, de produção agrícola, comercial e, sobretudo da indústria artesanal após o suposto milagre, influenciando também o crescimento de outras cidades do Cariri. Em 1875, o povoado tinha apenas 2 mil habitantes, duas ruas e 32 prédios com telhas cobertas de palha. Em 1909 já se somavam 15.050 habitantes, com um plano urbanístico de 22 ruas iluminadas e duas praças públicas, sem contar com o crescimento do comércio e, sobretudo da indústria artesanal, ponto forte da economia juazeirense nesse período (DELLA CAVA, 1985). Ao morrer em 1934, Padre Cícero “deixava uma cidade desenvolvida e complexa com cerca de 40.000 habitantes, servida pela Rede de Viação Cearense, contando com dez mil prédios de tijolos, taipa e telha (QUEIROZ, *apud* FELIZOLA DINIZ, 1989, p. 263).

Sob a influência política de Padre Cícero, Juazeiro é alcançado em 1926 pela Estrada de Ferro de Baturité, que ajudou a dinamizar o espaço econômico cearense e, ao mesmo tempo em que influenciou decisivamente o crescimento de várias cidades, provocou a inserção de maior contingente de mão-de-obra. A inauguração da Estrada de Ferro em 7 de novembro de 1926 foi um marco da gestão política de Padre Cícero, uma vez que “a partir de então, intensifica-se o comércio do Joazeiro, que passa a importar e exportar muitos produtos” (MENEZES;

¹⁰ A cidade de Juazeiro do Norte, chamada apenas Joazeiro até 1914 (ARAÚJO, 2011), teve na figura de Padre Cícero uma influência política, religiosa e econômica em todo o estado do Ceará. A título de exemplo, Padre Cícero chegou a ser vice-presidente do estado e teve papel decisivo na guerra de 1914, derrubando o governo de Franco Rabelo.

¹¹ De acordo com Oliveira (1989), o povoado de Joazeiro no séc. XVIII era um entreposto obrigatório para descanso dos viajantes que iam para as feiras no Crato.

ALENCAR, 1989, p. 148). Além disso, “o comércio cresceu, e a mão-de-obra necessária à construção de açudes financiados pelo governo de Artur Bernardes e realizados por empresas inglesas e americanas foi recrutada graças ao prestígio de Cícero” (FELIZOLA DINIZ, 1989, p. 264).

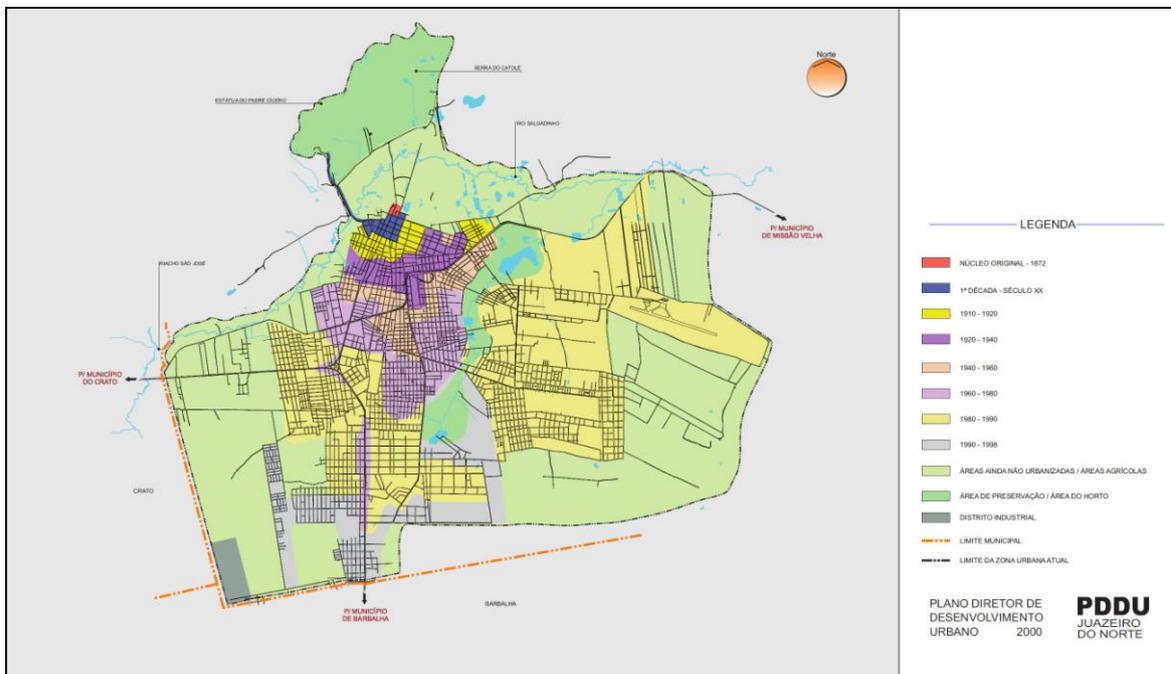
De acordo com Araújo (2011)

Mediante a expansão econômica registrada no Cariri e em Joazeiro, expandiram-se investimentos vultosos em infra-estrutura, a exemplo da implantação do primeiro banco do sertão nordestino, de tipografias e a construção da estrada de ferro (1926), amplamente defendida pelo Padre Cícero, tendo o mesmo oferecido grande contingente de mão-de-obra para a implementação da obra. Estabeleceram-se as bases de comunicação e integração do sertão em um sistema político nacional e na rede econômica internacional (ARAÚJO, 2011, p. 82).

Nas décadas de 1920-1930, Crato e Juazeiro disputavam o posto de comando da região do Cariri, mas com as instalações de serviços públicos e privados nas duas cidades, o crescimento de Crato foi prejudicado (DELLA CAVA, 1985). Nas décadas seguintes, Juazeiro cresceu substancialmente em população devido à atração dos romeiros, superando decisivamente o Crato em contingente populacional¹², mas, segundo Barros (1964), Juazeiro permanecia tendo uma influência econômica apenas local, enquanto Crato exercia uma influência regional. Isso passa a mudar a partir da década de 1970 quando Juazeiro do Norte começa a ter uma maior expressão política, econômica e social no estado do Ceará, entretanto, para Della Cava (1985) a supremacia de Juazeiro já pode ser observada mesmo na década de 1960 ou até antes, e a prova disso, para ele, é a participação na política estadual de um representante da cidade.

Na década de 1980 o Ceará é marcado por grandes transformações econômicas. Há, nesse contexto, uma mudança política atrelada à econômica que se instala, mais racionalizada e seguindo a lógica das práticas político-econômicas pregadas pelo neoliberalismo, as quais produziram um novo arranjo espacial no Estado (HOLANDA, 2011). A urbanização cearense, e em especial de Juazeiro do Norte, passou a ganhar outros contornos, e com isso a paisagem geográfica foi sendo modificada à medida que a cidade foi entrando no circuito do capital global. Com efeito, a produção do espaço urbano juazeirense foi sendo direcionada cada vez mais para as periferias, em direção às cidades de Crato a oeste e Barbalha ao Sul (ver figura 02).

Figura 02 - Evolução da morfologia urbana de Juazeiro ao longo do século XX



Org. PEREIRA, Cláudio Smalley Soares.

¹² Em 1960 Juazeiro do Norte possuía uma população de 53.421 habitantes, superior a do Crato que naquele período contava com 23.490 habitantes (BARROS, 1964).

A morfologia urbana foi sendo alterada de acordo com as práticas sócio-espaciais que acabaram por produzir uma cidade que aos poucos foi assumindo características de fragmentação sócio-espacial e de segregação espacial urbana. O tecido urbano proliferou-se, e nas décadas subseqüentes, isso é, nos últimos trinta anos, com os investimentos do capital público e privado, Juazeiro do Norte passou a ser um *lócus* de ações do Estado no interior cearense como, também, alvo de investimentos do capital privado nacional e internacional. Não obstante, a criação de novas áreas centrais e suas expressões de centralidade distantes do centro principal está associada a essas transformações, como veremos a seguir.

URBANIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA E CENTRALIDADE NA/DA CIDADE MÉDIA DE JUAZEIRO DO NORTE¹³

Partimos do pressuposto que para entender a urbanização de Juazeiro do Norte é fundamental articularmos as escalas da rede urbana e a escala da cidade¹⁴ e vice-versa, principalmente no atual período histórico. Os rebatimentos espaciais das mudanças político-econômicas nas esferas global, nacional e estadual produziram no final do século XX, um novo arranjo territorial que interliga os lugares entre si e ao mundo. Os lugares são, nesse sentido, mundiais (SANTOS, 2008), pois o mundo materializa-se e realiza-se no lugar.

Dentre os vários processos que permitem uma leitura da dinâmica urbana e da produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte na contemporaneidade, daremos ênfase aos processos de redefinirem a centralidade intra e interurbana no que se refere à localização das atividades do setor de comércio e serviços. Assim, partiremos da proposição de Sposito (2001), para quem a relação centro/centralidade é inexorável e dialética, pois não há centro sem centralidade, como não há centralidade sem centro (SPOSITO, 2001)

Com a reestruturação produtiva na década de 1970, os efeitos das políticas neoliberais que visavam reerguer o sistema econômico tiveram rebatimentos espaciais nas mais diversas escalas¹⁵, os quais foram fundamentais para o crescimento das cidades. Com o deslocamento do epicentro da produção, uma nova configuração urbana no Brasil foi produzida chamada de “segmento urbano não-metropolitano” (DAVIDOVICH, 1995).

Tais modificações político-econômicas, dentre outros fatores, tiveram rebatimentos espaciais significativos tanto no espaço intra-urbano como no interurbano e nas expressões de centralidade (SPOSITO, 1998). Se até os anos 1970 boa parte das cidades médias brasileiras tinham, via de regra, como característica principal apenas um centro (monocêntricas), com uma área da cidade detendo os principais serviços urbanos, o comércio principal e era o ponto nodal dos fluxos, a partir dos anos 1980, com investimentos de grande porte no setor industrial, de comércio e serviços feitos pelo capital estrangeiro e por grupo nacionais e regionais organizados, amparados pelo Estado, como os *Shoppings Centers* e os supermercados (no setor terciário), estas cidades passam a crescer assumir papéis mais abrangentes e complexos, e possibilitando, na escala intra-urbana, o surgimento de novas áreas centrais, isto é, passam a ter como característica estruturas policêntricas, com atividades que antes eram encontradas no centro principal sendo agora localizadas em outras áreas da cidade (SPOSITO, 1991).

É importante observar que a relação centro/periferia se altera não apenas na escala da cidade (espaço intra-urbano), mas em todas as escalas possíveis (SPOSITO, 2007). Isso é provocado pelo processo de reestruturação em escala global que promove rebatimentos espaciais em escalas distintas, mas que devem ser articuladas no processo de análise. Nesse sentido

O Estado do Ceará assume novo papel na divisão social e territorial do trabalho no Brasil e deve ser considerado como uma fração do espaço total do planeta, cada vez mais aberto às influências exógenas e aos novos signos

¹³Boa parte das idéias expostas nesse tópico foram escritas originalmente em PEREIRA, Cláudio Smalley Soares; OLIVEIRA, João César Abreu. Novas formas comerciais na redefinição da centralidade em cidades média: o caso de Juazeiro do Norte/CE, no XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana – SIMPURB, 2011.

¹⁴Sposito (2007, p. 248) se refere à reestruturação em duas perspectivas escalares, onde “a adjetivação ‘urbana’ está sendo reservada para se fazer referências à mudanças regionais e/ou no âmbito das redes urbanas, enquanto ‘da cidade’ é adotada para se tratar da escala intra-urbana”. Assim, a escala urbana e a escala da cidade se apresentam como articuladas dialeticamente no processo de urbanização.

¹⁵Para um aprofundamento das escalas de análise na produção capitalista do espaço ver Smith (1988).

contemporâneos. Como objeto e sujeito da economia globalizada, é um espaço que pouco possui de autônomo, pois não existe por si mesmo, de forma independente do resto do mundo, com o qual interage permanentemente no processo de acumulação de capital. No entanto, nos últimos quinze anos, é visível sua reestruturação econômica com objetivos claros de inserir-se no circuito da produção e consumos globalizados (ELIAS, *apud* ARAÚJO, 2007, p. 105).

Cabe ainda um parêntese rápido pra falar do termo “reestruturação” que está tão em vigor nas análises urbanas contemporâneas. Esse termo tem relações com seus correlatos “estrutura” e “estruturação”, mas dele se distingue. Enquanto a *estrutura* é vista como sendo uma fotocópia, um arranjo entre forma, função e um retrato momentâneo do processo social, isto é, dotada, assim, de historicidade e de um grau de determinação sobre o social, a *estruturação* é tida como o movimento de constituição da estrutura, um *processo* sócio-espacial (WHITACKER, 2010). Já a reestruturação é enfocada como um movimento e um processo de ruptura de padrões anteriores, rumo a uma nova configuração, seja ela espacial, temporal, política, econômica, enfim, da vida social como um todo, como nos diz Soja (1993).

A cidade de Juazeiro do Norte, localizada na região do Cariri, sul do Estado do Ceará é caracterizada por alguns estudiosos como cidade média (CASTELLO BRANCO, 2007; HOLANDA, 2011; HOLANDA; MARIA JÚNIOR, 2010; PONTES, 2006), tanto na rede urbana brasileira como na rede urbana nordestina, por desempenhar e localizar atividades funcionais que a tornam um espaço privilegiado para investimentos do capital público e privado. Essa característica de ponto luminoso (SANTOS; SILVEIRA, 2003) que a cidade exerce, é fruto de um intenso processo de crescimento urbano que ocorre desde o fim da década de 1970 e início da década de 1980, quando passa a desbancar Crato da dianteira de pólo econômico do sul do Ceará. Nesse contexto, Juazeiro do Norte passou a comandar de fato a região do Cariri cearense (FELIZOLA DINIZ, 1989).

Isso remete a uma caracterização de tal cidade como um centro regional, centralizador de diversas atividades e exercendo uma força centrípeta em relação às demais cidades do seu entorno. Atividades ligadas ao comércio, serviços (dentre eles educacionais e de saúde) são os que mais atraem populações conforme pesquisa de Nascimento e Amora (2011).

Há, então, uma centralidade exercida por Juazeiro do Norte na escala interurbana, o que é um fato. A pesquisa da Rede de Influência das Cidades (REGIC), realizada pelo IBGE (2008) apresenta Juazeiro do Norte com uma influência regional de cerca de 36 cidades entre estados do Ceará, Pernambuco e Paraíba. Foi classificada como Capital Regional C, juntamente com Sobral e Crato.

Os investimentos que tem sido feitos nas últimas décadas, em especial no setor terciário, denunciam uma superioridade inquestionável na oferta de bens e serviços da cidade para os cidadãos locais (juazeirenses) como para os que buscam cotidianamente a cidade, seja para trabalhar, comercializar, passear, lazer, estudar, fazer consultas médicas dentre outras coisas.

No entanto, nessa dinâmica não podemos esquecer que esses investimentos têm uma importância significativa na reorganização territorial urbana na escala da cidade. Isto é, as duas escalas, a urbana, que se refere à relação entre as cidades do Cariri e até de outros estados com Juazeiro do Norte, e a escala da cidade, o espaço interno da urbe, são transformados e a sua configuração espacial passa por alterações que denunciam as mudanças nas dimensões econômica, política e até cultural, dependendo da situação. Tais transformações estão interligadas através das várias escalas geográficas pelas quais atuam os agentes econômicos globais.

Mudanças recentes na dinâmica territorial cearense resultam da interação de vários processos gestados em diferentes escalas que se manifestam, notadamente, na produção do espaço urbano. O Ceará é afetado por transformações globais, relativas à reestruturação capitalista, marcada pela mundialização do capital tendo como corolário uma série de ações de natureza privada e pública (HOLANDA, 2011, p. 07).

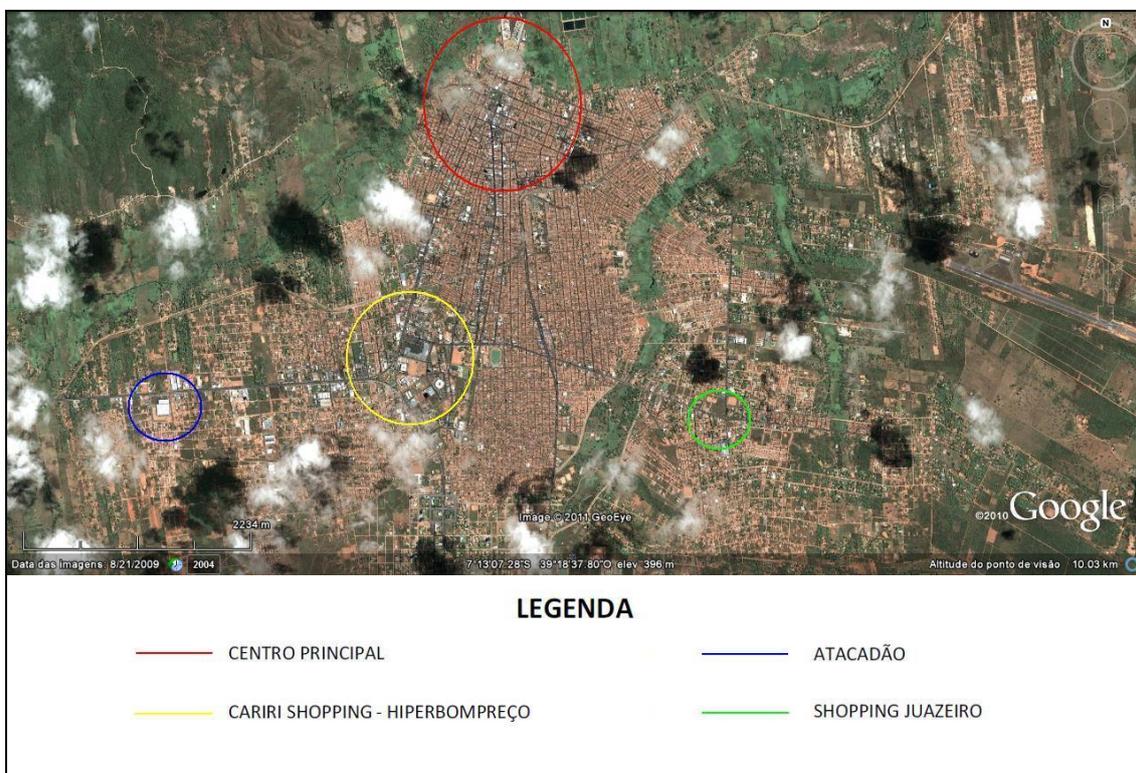
As formas espaciais que mais tem chamado atenção no processo de estruturação da cidade de Juazeiro do Norte nos últimos anos estão ligadas às atividades comerciais, como os *Shoppings Centers* e os hipermercados, que tem se inserido com vigor no cotidiano urbano, e os serviços

ligados à saúde e educação (este última voltado, sobretudo, para o ensino superior) que promovem mudanças na morfologia urbana redefinindo aspectos referentes à centralidade na/da cidade.

Na escala da cidade, pode-se observar que a localização dos novos empreendimentos comerciais ligados ao setor terciário está buscando cada vez mais se distanciar do centro principal da cidade onde se concentram e acabam por dinamizar uma parte do espaço urbano. Vale ressaltar que as formas espaciais relacionadas para a análise da redefinição da centralidade que foram escolhidas não anulam outras espacialidades importantes que concentram determinadas atividades como expressam centralidades também, como é o caso dos mercados públicos, com forte poder de concentração e atração de pessoas.

Destacamos, além do centro principal da cidade, outros três empreendimentos capazes de promover o surgimento de novas áreas centrais no interior da cidade e que influenciam também a dinâmica urbana a nível regional. Assim, os empreendimentos são dois *Shoppings Centers* (um deles ainda em construção, o Shopping Juazeiro) e outro um do ramo de auto-serviço, o Atacadão, pertencente ao grupo francês Carrefour (ver figura 03).

Figura 03: Imagem de satélite destacando as áreas centrais e as expressões de centralidade em Juazeiro do Norte



Fonte: Google Earth, 2009.
Org. PEREIRA, Cláudio Smalley Soares

O centro principal de Juazeiro do Norte concentra grande parte das lojas varejistas. A estrutura urbana do centro, no que se refere ao comércio, principal expressão de centralidade, está distribuída em algumas ruas, algumas que poderíamos denominar de primeira ordem (as ruas principais do centro) e outras de segunda ordem, isto é, ruas secundárias (que concentram atividades variadas com uma mescla de residências).

Dessa forma, o uso do solo urbano se apresenta como um elemento importante para o entendimento da relação centro centralidade na escala da cidade. Segundo Carlos (2008), o uso do solo urbano pode ser caracterizado de duas formas: a) um modo de uso que está vinculado à produção e realização da mais-valia global, referente à produção e reprodução do

capital, e b) um uso vinculado à reprodução da sociedade, tanto como força de trabalho como consumidores. No caso do centro principal da cidade, as duas formas se manifestam claramente, sendo ainda, em alguns setores, percebidas territorialidades distintas que expressam centralidades diferenciadas dentro de uma única área da cidade. Como exemplos destacam-se as ruas que estamos chamando de primeira ordem: a Rua São Pedro, caracterizada por uma concentração de lojas varejistas; b) a Rua São Paulo, com uma participação maior de mercantis de pequeno porte e de lojas com produtos artesanais, e c) a Rua Padre Cícero, com uma forte concentração de serviços ligados à saúde (odontologia, oftalmologia, entre outras especialidades). Ressaltamos ainda que essas atividades não formam um bloco homogêneo nesses espaços, elas predominam, mas não anulam outras atividades que podem ser encontradas nessas áreas.

As outras espacialidades urbanas seguem a lógica de expansão urbana retratada por Whitacker (2006), em que a morfologia da cidade é redefinida na medida em que as novas formas espaciais ligadas ao setor de comércio e serviços modificam a estrutura urbana preexistente e redefinem a centralidade na sua escala intra e interurbana. É importante frisar que o centro principal não perde o seu potencial polarizador (SPOSITO, 2010), mas suas relações com as outras partes da cidade são modificadas na medida em que novos espaços de troca e consumo são produzidos em áreas distantes do centro principal, direcionando a produção territorial da cidade para as áreas periféricas¹⁶.

Figura 04 – Hiperbompreço (WALMART) e Atacadão (CARREFOUR). O primeiro localizado próximo ao Cariri Shopping, e o segundo na Av. Padre Cícero, que liga a cidade de Juazeiro do Norte à cidade de Crato.



Fonte: PEREIRA, Cláudio Smalley Soares. Pesquisa de Campo, 2011.

Os *Shoppings Centers* e os hipermercados filiados ao capital estrangeiro se alocam nos principais eixos viários da cidade (Cariri Shopping – av. Padre Cícero; Atacadão – Av. Padre Cícero) o que denota uma reconfiguração das relações centro/periferia nas escalas já comentadas. A criação dessas novas áreas centrais (algumas ainda em consolidação, como é o caso do Atacadão) expressam centralidades que denotam características comuns a boa parte das cidades médias, como o uso do transporte individual (automóvel) como principal transporte (figura 05).

Esses processos nos permitem falar em uma reestruturação urbana ocorrendo paralelamente a uma reestruturação da cidade, pois ambas as escalas estão intrinsecamente relacionadas no processo de produção e reprodução espacial. Acreditamos então que as reestruturações urbanas e as reestruturações das cidades se relacionam dialeticamente e a leitura em uma das escalas não pode ser empreendida sem a leitura da outra escala. As mudanças na produção e no uso, distribuição e conteúdo do espaço urbano mudam também a relação da cidade com as cidades de sua rede urbana e de redes mais longínquas (SPOSITO, 2007).

¹⁶ A periferia é utilizada referindo-se à parte distante do centro principal.

Figura 05 - Cariri Shopping. Atualmente passando por uma reforma de duplicação de cerca de R\$ 70 milhões.



Fonte: PEREIRA, Cláudio Smalley Soares. Pesquisa de Campo, 2011.

Apesar de essas novas áreas centrais estarem surgindo a partir de novas formas comerciais e de serviços mais especializados que se localizando nos principais eixos viários da cidade, direcionando a expansão urbana para as áreas “periféricas”, o que de fato muda as formas de uso, distribuição e conteúdos do solo urbano, o centro principal da cidade não passa por uma “decadência” ou abandono. Pelo contrário, o preço do solo urbano no centro da cidade é muito valorizado, sendo um dos mais altos, chegado até a custar R\$ 5 mil o metro quadrado. Na “periferia” (bairro Lagoa Seca, área nobre da cidade), o preço do metro quadrado também aumentou, saltou de R\$ 10 a R\$ 15 para R\$ 250 a R\$ 300, com uma valorização de 1.900% em três anos¹⁷.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças nas esferas políticas e econômicas na escala mundial levaram a transformações sócio-espaciais em todas as escalas, onde a articulação interescalar como recurso metodológico ajuda a desvelar esses fatos. Do ponto de vista econômico, a reestruturação do sistema produtivo no âmbito global promoveu a descentralização/recentralização do epicentro da produção, produzindo um novo espaço calcado, a partir de então, no paradigma da flexibilidade.

No Ceará tais fatos passaram a ser mais evidentes a partir do final dos anos 1980 e início dos anos 1990, com as políticas industriais e de atração de investimentos de capital transnacional, que fez com que a estrutura urbana das cidades, sobretudo Fortaleza, mudasse e se espraiassem.

No caso de Juazeiro do Norte, cidade média do interior cearense, essas mudanças provocaram mudanças na relação centro/centralidade, onde as novas formas espaciais advindas do capital transnacional no ramo de auto-serviços vêm transformando a configuração urbana da cidade.

Os *shoppings centers* e as filiais dos grandes grupos atacadistas Carrefour e Walmart se instalaram nos últimos anos e deram mais vigor às transformações espaciais, alterando e redefinindo os padrões e conteúdos, como valores também, dos usos do solo urbano. O centro e a periferia se redefiniram e passaram a ter conteúdos diferenciados.

¹⁷ Matéria publicada no Diário do Nordeste em 29 de junho de 2011. Disponível em: <http://diarionordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1003728> Acessado em: 08 de julho de 2011.

No entanto, tais transformações não fizeram que o centro principal de Juazeiro do Norte perdesse sua centralidade, pois este ainda concentra boa parte do comércio e dos serviços, notadamente os de saúde, disponíveis na cidade. Podemos concluir que, tendencialmente, as novas formas espaciais promovem uma redefinição na centralidade intra e interurbana, alterando o conteúdo dos espaços e modificando as relações econômicas, políticas e culturais nos espaços da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAUJO, Nancy Gonçalves. A industrialização no Ceará: breves considerações. **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia: UFG, 2007, v. 27, p. 97-114.
- ARAÚJO, Maria de Lourdes. **A cidade do Padre Cícero**: trabalho e fé. Fortaleza: Imeph, 2011.
- BAENINGER, Rosana. **Reestruturação urbana**: algumas considerações sobre o debate atual. Campinas: Nepo/Unicamp, 1998. mimeo.
- BARROS, Haidine da Silva. O Cariri Cearense: O quadro agrário e a vida urbana. Separata da **Revista Brasileira de Geografia** nº 4 – ano XXVI – Out/Dez. de 1964, IBGE, Rio de Janeiro, 1964.
- BENKO, Georges. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- BRENNER, Neil. O que é teoria crítica urbana? **E-metrópolis**: revista eletrônica de estudos urbanos e regionais. Nano. 03, nº. 01, 2010, p. 20-28.
- CASTELLO BRANCO, Maria Luisa Gomes. Algumas considerações sobre a identificação de cidades médias. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.). **Cidades Médias: Espaços em Transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 89-111.
- CICOLELLA, Pablo. Aportes para una geografía crítica de la ciudad latinoamericana. In: OLIVEIRA, Márcio Piñon de; COELHO, Maria Célia Nunes; CORRÊA, Aureanice de Mello, (Org.). **O Brasil, a América Latina e o mundo**: espacialidades contemporâneas (II). Rio de Janeiro: Lamparina, 2008, p. 94-104.
- DAVIDOVICH, Fany. Considerações sobre a urbanização no Brasil. In: BECKER, Berta *et al* (Org). **Geografia e Meio Ambiente no Brasil**. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec, 1995, p. 79-96.
- DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. 2º ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- FELIZOLA DINIZ, José Alexandre. **O subsistema Urbano regional de Crato/Juazeiro do Norte**. Ed. GRAFSET, João Pessoa: Série Estudos regionais, 1989.
- HARVEY, David. A liberdade da Cidade. **Geusp** – Espaço e Tempo, São Paulo, nº 26, p. 09-17, 2009.
- _____. **A Condição pós-moderna**. 17ª ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- _____. **A produção capitalista do espaço**. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2006a.
- _____. **Espaços de Esperança**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- _____. O novo imperialismo: acumulação por espoliação. **Socialist Register**. 2003, p. 95-126.
- HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante. Transformações socioespaciais das cidades médias cearenses. **Revista de Geografia**, Recife, vol. 28, nº 01, p. 04-13, 2011.
- HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante; MARIA JUNIOR, Martha. A expressão das Cidades Médias Cearenses. In: HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante; AMORA, Zenilde Baima (Org.). **Leituras e Saberes Sobre o Urbano**: cidades do Ceará e Mossoró no Rio Grande do Norte. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2010.
- JUCÁ, Clóvis Ramiro. **Vilas, Povoados e Estradas do Ceará Colonial**: os caminhos da ocupação territorial. In. X Simpósio Nacional de Geografia Urbana (SIMPURB), Florianópolis, 2007, p. 01-22.
- LEFEBVRE, Henri. **A Produção do Espaço**. Trad. Grupo “As (im)possibilidades do urbano na metrópole contemporânea”. Do núcleo de Geografia Urbana da UFMG (do original: La production de l’ espace, 4ª ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão início de 2006.

_____. O Urbano. In: LEFEBVRE, Henri. **Le retour de la dialectique**: 12 mots clef pour le monde moderne. Paris, Messidor/Éditions Sociales, 1986, p. 01-12 (tradução de Margarida Maria de Andrade, versão preliminar).

LIPIETZ, Alain; LEBORGNE, Danièle. **O pós-fordismo e seu espaço**. Espaço e Debates, nº. 25, 1988, p. 12-29.

MENEZES, Fátima; ALENCAR, Generosa. **Homens e Fatos na História do Juazeiro**: estudo cronológico – 1927-1934. Recife: EDUFPE, 1989.

NASCIMENTO, William Ianone; AMORA, Zenilde Baima. **Mobilidade e Centralidade**: um novo enfoque nas dinâmicas urbanas na cidade média de Juazeiro do Norte-CE. In: Anais do III Fórum Brasileiro do Semi-árido, 2011, p. 01-15.

PEREIRA, Cláudio Smalley Soares; OLIVEIRA, João César Abreu. **Novas formas comerciais na redefinição da centralidade em cidades média: o caso de Juazeiro do Norte/CE**. Anais do XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana (SIMPURB), Belo Horizonte, 2011, p. 01-20. Disponível em: <http://www.xiisimpurb2011.com.br/app/web/arg/trabalhos/8c86e935f12a880cd2ae656b7b1e111a.pdf>. Acessado em: 26 de outubro de 2011.

PONTES, Maria Beatriz Soares. As mudanças no processo produtivo capitalista e suas repercussões nas cidades médias nordestinas. In: SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SOBARZO, Oscar (Orgs). **Cidades Médias**: produção do espaço urbano e regional. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 327-346.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maia Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SERPA, Angelo Szaniecki Perret. Lugar e centralidade em um contexto metropolitano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.). **A Produção do Espaço Urbano** - Agentes e processos, escalas e desafios. 1 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p. 97-108.

SILVA, José Borzacchiello da. A cidade contemporânea no Ceará. In: SOUZA, Simone. (Org.). **Uma Nova História do Ceará**. 4ª ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, v. 1, p. 215-236.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SOJA, Edward. W. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SOUZA, Maria Salete de. Ceará: bases de fixação do povoamento e o crescimento das cidades. In SILVA, J. B. da, *et al* (Orgs). **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p.13-31.

SOUZA, Marcelo Lopes de Souza. Em torno de um hífen. **Revista Formação**. Vol. 1, nº. 15, p. 159-161, 2008.

SPOSITO, Maria da Encarnação Beltão. Multi(poli)centralidade urbana. In: SPOSITO, Eliseu Savério; NETO, João Lima Sant'Anna. (Org.). **Uma Geografia em Movimento**. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 199-228.

_____. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: _____. (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 233-253.

_____. O desafio metodológico da abordagem interescalar no estudo de cidades médias no mundo contemporâneo. **Revista Científica: Cidades**. v.3, n.5, p.143-157, 2006.

_____. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intra-urbana. In: _____.(Org.) **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média**. Presidente Prudente: Pós-graduação em Geografia da FCT/UNESP, 2001, p. 235-254.

_____. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. **Território**. Rio de Janeiro: LAGET/UFRJ, n. 4, 1998, p. 27-38.

_____. O centro e as formas da centralidade urbana. **Revista de Geografia**. São Paulo: v.10, p.1-18, 1991.

WHITACKER, Arthur Magon. Cidade imaginada. Cidade concebida. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon. (Org.). **Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2006, p. 131-156.